

Conversação política no orkut

Embates discursivos sobre identidade e cultura surda

Regiane Lucas de Oliveira Garcêz¹

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo explorar as potencialidades políticas do Orkut, utilizando como estudo de caso comunidades e fóruns que tratam de temas relacionados à cultura e à identidade das pessoas surdas. Nesse sentido, consideramos o site de relacionamento não apenas como espaço de confraternização e de encontro de amigos, que são suas mais conhecidas características, mas também como espaço capaz de abranger conversações políticas. Nosso argumento está baseado nas teorias que mostram a relevância da conversação cotidiana para a autonomia política dos cidadãos e para o funcionamento da democracia. É a partir de ambientes cotidianos que questões individuais são compartilhadas e ganham a possibilidade de se tornarem públicas. Muitas vezes esses temas demandam amplas discussões, mas não precisam necessariamente passar pelo âmbito das decisões, pois estão no terreno do simbólico. Esse é o caso dos dois temas escolhidos para explicar a importância da conversação cotidiana: identidade e cultura surda. Os fóruns do orkut funcionariam, nesse sentido, como conversações cotidianas on-line, que se iniciam de maneira espontânea e informal e se transformam em fortes embates políticos sobre identidade.

Palavras-chave: conversação política, Orkut, surdos

Os sites de relacionamento, tais como o Orkut², têm ganhado cada vez mais adeptos em todo o mundo. É impossível não notar a presença dessa ferramenta no cotidiano das pessoas que navegam pela internet. Com características voltadas para o entretenimento, nos surpreendem encontrar no Orkut comunidades que propõem um certo engajamento político, tais como comunidades que expressam preferências por candidatos, que propõem abaixo-assinados destinados a reivindicar alguma política pública ou que tematizam várias outras questões de cunho político.

Neste artigo, pretendemos explorar de maneira mais aprofundada as potencialidades políticas do Orkut, que se manifestam principalmente por meio das comunidades temáticas. Nessas comunidades, vários temas são propostos nos fóruns e geram importantes debates políticos. Podemos extrair desses debates um riquíssimo material, mesmo que tais fóruns não tenham influência direta nos sistemas governamentais.

¹ Jornalista, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), bolsista Capes e integrante do Grupo de Pesquisa Mídia e Esfera Pública. E-mail: regiane.lucas@gmail.com

² O Orkut é um site de relacionamentos criado e mantido pelo Google e que está no ar desde janeiro de 2004. Conforme descrição no próprio site o orkut é uma comunidade on-line criada para ajudar a manter contato com os amigos e conhecer mais pessoas. Por meio do orkut, o usuário pode compartilhar fotos, vídeos e mensagens. (www.orkut.com)

É o caso da pesquisa empírica proposta. Para que a identidade e a cultura surda sejam reconhecidas perante a sociedade, é preciso que os surdos tematizem essas questões publicamente, negociem sentidos e busquem reconhecimento. No que concerne às decisões institucionais, os surdos já estão em parte contemplados, já que a Língua Brasileira de Sinais – Libras – foi reconhecida como língua oficial do Brasil e já existem leis que garantem intérpretes em salas de aula e órgãos de atendimento público. Entretanto, permanecem preconceitos e estigmas sobre a validade do uso dessa língua e da constituição das identidades permeadas por tal forma de comunicação. Tais questões se mostram fortemente controversas ao analisarmos alguns embates discursivos travados nos fóruns do Orkut, embates estes que envolvem defensores e opositores da língua de sinais, cujas premissas de bem-viver parecem ser bastante distintas.

Pretendemos analisar, nesse trabalho, como essas conversações evoluem para a forma de debate e como a conversa ganha contornos políticos. Para explicar essa dinâmica discursiva, recorreremos às teorias que tratam da conversação cotidiana como essencial para o sistema político democrático (Mansbridge, 1999; Conover, Searing e Crewe, 2002; Scheufele, 2000; Marques e Rocha, 2006; Wyatt, Katz, Kim, 2000). Com isso pretendemos mostrar a relevância da conversação para o reconhecimento dos surdos enquanto minoria lingüística e para a democracia, em geral.

Para tanto, inicialmente traçamos um apanhado sobre o estágio atual das discussões sobre internet e política e sobre as vantagens e desvantagens da nova tecnologia para a democracia e os surdos. Em seguida, explicitamos a nossa escolha teórica ao desenvolver uma discussão sobre o Orkut à luz das teorias sobre conversação cotidiana e discussão política. Isso não significa desconsiderar as peculiaridades da conversação na internet, se comparada à conversação face-a-face, distinção que faremos também nesta seção. Por fim desenvolvemos a análise do nosso material empírico extraído dos fóruns do Orkut.

Considerações teóricas sobre internet e política

A agenda de pesquisa em internet e política vem se configurando como importante seara dos estudos de comunicação e política. Dentro da diversidade de pesquisas até hoje realizadas, podemos destacar alguns temas amplamente discutidos, tais como: potenciais democráticos da internet, vantagens e desvantagens das novas tecnologias para a democracia,

governo eletrônico, participação política – individual ou coletiva – e mobilização social via rede. Um breve panorama de alguns desses estudos se faz útil, na medida em que mostra o desenrolar das pesquisas sobre internet e política, além de justificar a nossa escolha pelo conjunto de teorias da conversação cotidiana no tratamento da internet.

O advento da internet e a sua crescente popularização vieram acompanhados de teorias e pesquisas que conferiam à rede o papel de redentora da democracia. O livre acesso e a possibilidade de veicular conteúdos sem o funil da grande mídia (Downing, 2002; Moraes, 2001) eram alguns dos principais argumentos. Além disso, vislumbravam-se novas formas mais efetivas de participação no processo decisório, de acesso direto aos partidos e representantes, superação do problema da escala participativa, surgimento do agente civil produtor de informações que poderiam ser elaboradas e distribuídas a baixo custo, inclusão de vozes marginalizadas (Mitra, 2001), revigoramento da esfera de discussão e um possível surgimento de uma esfera pública virtual (Castells, 1999; Lévy, 2002).

Passado o momento inicial de “encantamento” com os potenciais da internet, um segundo conjunto de pesquisas critica o idealismo construído em torno da internet e alerta para alguns problemas tais como a baixa confiança caracterizada pelo anonimato, pouca visibilidade e barreiras econômicas de acesso (Dean, 2003; Wilhelm, 2000).

Com o intuito de fazer um amplo apanhado dos principais argumentos a favor e contra a internet como revitalizadora da democracia, Wilson Gomes (2005) reúne as principais vantagens e desvantagens discutidas pelos pesquisadores contemporâneos. Esse apanhado é de grande relevância para entendermos o estágio atual das discussões em internet e política:

a) A “*superação dos limites de tempo e espaço para a participação política*” é entendida como uma possibilidade para que os cidadãos ultrapassem as barreiras espaciais e participem politicamente de onde estiverem. Isso acabaria com as dificuldades de escala participatória e os debates poderiam acolher um sem-número de participantes. Além disso, a internet proporciona “*comodidade, conforto, conveniência e baixo custo de participação*”. Por outro lado, como salienta Rousiley Maia (2001), tudo isso não garante uma efetiva participação. A ferramenta internet, em si, não produz ambientes mais democráticos. É preciso que haja vontade e motivação para a participação e isso é proveniente em grande parte da cultura política.

b) Para alguns autores, os conteúdos informativos on-line são bem mais variados e aprofundados do que aqueles disponíveis na grande mídia. A “*extensão e qualidade do estoque de informações on-line*” propiciaria cidadãos mais informados e assim, politicamente ativos. Em contraposição, questiona-se se tais informações são politicamente qualificadas e como os cidadãos seriam capazes de distingui-las dentre a variedade de conteúdos disponíveis.

c) O argumento de que a internet oferece “*facilidade e extensão de acesso*” aos cidadãos, possibilitando a transparência das ações e a acessibilidade às informações disponibilizadas pelo governo, é derrubado pelo argumento do entrave econômico. A desigualdade de acesso poderia criar um abismo entre participantes e não-participantes da política, aumentando ainda mais o fosso da desigualdade social.

d) A característica da internet de ser, a princípio, “*sem filtros e sem controles*”, ou seja, livre e protegida contra autoritarismos dos mais fortes politicamente, é contraposta pela idéia de que tal libertarianismo pode abrir as portas para uma internet com conteúdos antidemocráticos, preconceituosos ou conservadores. O próprio anonimato, que poderia ser utilizado em favor da paridade nos debates³, pode mascarar a identidade de xenófobos, racistas, dentre outros. No extremo, a internet pode se tornar uma ameaça, com espionagem, pedofilia, terrorismo, dentre outros.

e) A noção de “*interatividade e interação*”, argumento central da relevância da internet na política, pode favorecer a comunicação horizontalizada, de mão dupla, onde os cidadãos interferem ativamente na elaboração das políticas públicas e onde os agentes políticos podem alterar posições políticas por meio do debate. Dessa dinâmica, donde emerge um sentimento de efetividade da participação cidadã, pode surgir uma cultura política favorável à

³ O anonimato poderia esconder as desigualdades off-line tais como as de cultura, raça, gênero e classe social, dentre outros. Essas desigualdades muitas vezes fazem com que há injustiças, intimidação e desigualdade de oportunidades nos debates. Sem tais elementos, a tendência é de que prevaleça apenas a força do melhor argumento (Maia, 2001)

participação. A principal crítica, nesse sentido, é que o sistema político continua fechado a qualquer participação.

f) Por fim, um argumento que muito nos interessa neste trabalho é a oportunidade que a internet oferece para “*vozes minoritárias ou excluídas*” se expressem. Desenvolveremos melhor esse item mais adiante. Contudo, mesmo com tais oportunidades, alguns autores argumentam que a falta de abertura do sistema político, a predominância dos meios de massa e a ausência de uma cultura política da participação inviabilizariam os resultados dessa participação das minorias.

Muitas outras vertentes da pesquisa em internet e política têm se desenvolvido, mas para os nossos propósitos, localizamos nosso trabalho no último conjunto de argumentos, que inclui a oportunidade para que vozes minoritárias ou excluídas se expressem. Sem cair no deslumbramento das primeiras pesquisas sobre internet e política, acreditamos que a rede tem contribuições significativas para a política e para os grupos estigmatizados ou minoritários. Primeiramente, vale considerar o potencial democrático que a rede mundial de computadores carrega consigo. Mesmo não sendo *a priori* democrática, carrega consigo ferramentas e subsídios que podem ser amplamente utilizados politicamente pelos cidadãos. Apostamos, aqui, na intersecção da vida e da cultura política com as novas tecnologias, conformando ambientes *potencialmente* democráticos. Além disso, a despeito de todas as críticas acima apontadas e com as quais concordamos, ainda assim consideramos a internet como espaço de expressão para aqueles excluídos dos processos democráticos formais e dos canais de visibilidade midiática de grande alcance. Para Ananda Mitra (2001), além de possibilitar a expressão de vozes marginalizadas, a internet oportuniza os processos de construção de identidade. Ao exprimirem seus pontos de vista, aqueles outrora desvalorizados por seus modos de vida podem alçar posicionamentos semelhantes e assim configurarem processos de identificação, o que é extremamente positivo para um determinado grupo. Ao vislumbrarem a conformação de uma identidade coletiva, surge a possibilidade de uma maior certeza sobre as próprias escolhas e a motivação para se auto-afirmarem no mundo, mediante a afirmação da sua diferença. Essas pessoas falam por si mesmo, de uma causa comum, e lutam para que seus pontos de vista sejam aceitos. As vozes expressas na internet, explica Mitra (2001),

funcionam assim como tensionadoras de uma realidade, que é alvo do desejo de mudança por parte dos grupos oprimidos.

Isso é claro no caso dos surdos. Eles reivindicam a aceitação de um modo de vida diferente. Não só na internet, como também fora dela, os surdos empreendem uma luta pelo reconhecimento da validade do uso da língua de sinais e da identidade e cultura, permeadas por essa forma de comunicação⁴. Como minoria lingüística e estigmatizada, os surdos encontram na internet um espaço onde tornam públicas as suas questões coletivas e particulares, que poderiam estar restritas aos lares ou aos muros das associações sem ganhar visibilidade e sem ter a possibilidade de empreender uma mudança social do entendimento do “ser surdo” no mundo. Determinados temas só se tornam realidade na medida em que se dão a ver, quando saem do domínio privado, emergem em um espaço público por meio da linguagem e a partir daí passam a ser examinados e discutidos (Arendt, 1957). Além de se constituírem uma minoria lingüística, os surdos ainda carregam estigmas de incapacidade e desvalorização. Ou seja, além de se constituir um público com poucas oportunidades nas grandes arenas de discussão face a face, os surdos ainda possuem um segundo obstáculo para a sua participação: a língua. Ora, se a principal luta dos surdos é o reconhecimento e a livre utilização da língua de sinais, mesmo que saibam falar, a maioria deles se comunica em Libras. A participação em fóruns ampliados dependeria de um tradutor simultâneo. Na internet, os surdos são os produtores e veiculadores de suas próprias narrativas, sem intermediações.

Todo esse esforço de falar por si mesmo e de empreender esforços para a mudança de sentidos vigentes podem ser caracterizados como uma luta por reconhecimento. Segundo Axel Honneth (2003), essa luta requer uma dinâmica em que os próprios estigmatizados empreendam ações para serem reconhecidos pelo outro, intersubjetivamente. Isso exige um passo primeiro de quem busca ser reconhecido, que é dado, certamente por meio de ações comunicativas, gerando um potencial de negociação de identidades, no caso dos surdos. Para alcançar essa auto-afirmação e auto-realização, segundo Honneth (2003), é necessário o reconhecimento nas esferas íntima, legal e social. No caso em questão, por mais que a luta por

⁴ É preciso esclarecer que nem todos os surdos optaram pelo uso da língua de sinais. Muitos se comunicam de forma oral e leitura labial e desconhecem o real sentido de uma “identidade surda”. As pessoas das quais falamos aqui têm plena consciência política do valor da língua de sinais e da sua relevância para a auto-afirmação dos sujeitos surdos no mundo.

reconhecimento perpassasse as três esferas, íntima, legal e social e que dependa indiretamente dos centros decisórios⁵, os discursos e conversações analisados na internet não buscam efeitos diretos nos governos, partidos ou casas legislativas. As conversações do Orkut possuem pouco ou quase nenhum alcance nessas esferas.

Além da função política da internet, outras funções são especialmente importantes para os surdos. Há várias formas de apropriação que vieram para facilitar suas vidas. No âmbito individual-pessoal, mensagens de celular, chats e webcam são ferramentas freqüentemente usadas pelos surdos em seu cotidiano e que possibilitaram uma nova forma de comunicação à distância, inexistente para eles antes do advento da internet e do celular. No âmbito individual-político, a internet passa a se configurar como um meio de expressão dos cidadãos ordinários, que buscam reconhecimento em sociedade. Já no âmbito coletivo, os sites das associações, embora ainda precários, já começam a ser fonte para arregimentar novos associados e apresentar demandas.

Nesse trabalho, vamos nos dedicar especificamente à utilização da internet pelos surdos enquanto cidadãos ordinários⁶ que se expressam nos fóruns do Orkut.

O Orkut como espaço de conversação política

Para explicitar os motivos que nos levaram a considerar o Orkut a luz das teorias de conversação política e discussão cotidiana, vamos primeiramente descrever algumas importantes características desse espaço virtual. Em seguida, faremos uma revisão dos principais conceitos de conversação e discussão política, além de apontar algumas das principais funções da conversação. Na seqüência, estabeleço um paralelo entre a conversação face-a-face e a conversação on-line, apontando as principais distinções. Por fim, traço uma argumentação a fim sustentar a idéia de conversação no Orkut e explico porque algumas dessas conversações culminam em discussões políticas.

Sobre o Orkut

⁵ Na luta por reconhecimento, as três esferas estão interligadas de modo que o reconhecimento completo só é possível se realizados em todas elas. Nesse sentido, por exemplo, uma lei aprovada pode repercutir positivamente em nome da elevação da estima social dos cidadãos surdos e em no respeito na esfera íntima.

⁶ Em nossa pesquisa de mestrado analisamos também os sites das associações no intuito de investigar o papel das identidades e das ações coletivas na luta por reconhecimento dos surdos.

Embora seja um dos espaços de luta por reconhecimento dos surdos, o Orkut, não menos do que o restante dos espaços na internet, é alvo de boa parte das críticas apontadas na seção anterior. A principal delas é a de que o Orkut permite livre acesso, sem identificação dos usuários e está sujeito a informações falsas e abusos. Uma breve descrição do orkut elucidará os motivos de tantas críticas.

O Orkut é uma rede social virtual, filiada e mantida pela empresa Google Inc., criada em janeiro de 2004. A rede possuía, até outubro de 2007, cerca de 60 milhões de usuários, sendo 53,26% deles brasileiros⁷. Vale lembrar que a versão em português só foi criada no início de 2005. Há, essencialmente dois ambientes no Orkut: o individual, chamado de perfil, e o coletivo formado pelas comunidades. Cada usuário que se cadastra no Orkut ganha uma página que passa a ser o seu perfil, com um nome e uma foto que o identificará em todos os espaços visitados. Além de cada pessoa ter um ciclo de amizades, ela também participa de comunidades⁸ das quais tem afinidades com os temas. Na maioria são desconhecidos que se reúnem em torno de um tema qualquer. Normalmente, essas comunidades têm um nome, uma descrição e uma foto que a caracteriza. Para participar, em alguns casos o usuário deve solicitar permissão ao mediador, em outros não. Há também comunidades mediadas e não mediadas, o que caracteriza maior ou menor grau de controle sobre o conteúdo.

Os perfis podem, e o são freqüentemente, alterados por seus donos, e as comunidades estão em constante mudança, já que recebem contribuições da maioria de seus membros nos fóruns, enquetes e postagens de eventos futuros. A maior ou menor participação em uma comunidade depende muito do número de participantes, da divulgação que essa comunidade tem e dos temas propostos nos fóruns. A maioria dos temas não gera debate algum e se referem à propaganda comercial ou de eventos.

O grande diferencial do Orkut é que todas as informações postadas podem ser visualizadas por qualquer pessoa, tanto nos ambientes individuais (perfis) quanto coletivos (comunidades). Como o espaço é de livre participação, é comum que pessoas criem perfis falsos, denominados “fakes”, e a partir disso postem toda a sorte de conteúdos, que vão desde ofensas pessoais até a pornografia, pedofilia, racismo, dentre outros. A possibilidade do

⁷ Acesso em 17/10/2007

⁸ As comunidades são livremente criadas por qualquer usuário do Orkut e não se parecem em nada com as comunidades tradicionais. São apenas agrupamentos on-line entre perfis, caracterizando laços fracos (Castells, 2004; Cruz, 2007)

anonimato é a principal porta para os abusos. As críticas caminham em um rumo certo quando alertam para essa possibilidade. Mesmo quando moderadas, as comunidades estão sujeitas a isso, até que o moderador intervenha. Dependendo do moderador, alguns abusos são até mesmo negligenciados.

É exatamente devido a essas críticas que consideramos o Orkut como um espaço que não nasceu para dar lugar a conversações políticas *a priori*, mas que permite o surgimento delas. Debates sobre as questões referentes aos surdos são travados por cidadãos ordinários, que produzem narrativas sobre si mesmo diante de um outro que muitas vezes é desconhecido. Sem pretensão política alguma as pessoas se engajam em comunidades, fazem comentários nos fóruns e se dispõem à participar de uma conversa que nasceu aleatoriamente. Esse caráter desprezioso nos fez optar pelas teorias que tratam da conversação (Barber, 1984; Mansbridge, 1999; Conover, Searing e Crewe, 2002; Scheufele, 2000; Marques e Rocha, 2006; Wyatt, Katz, Kim, 2000) como essenciais para o sistema deliberativo, e conseqüentemente para a democracia.

Sobre a conversação: do cotidiano ao político

Boa parte dos teóricos que trabalham com internet, incluindo aí aqueles que investigam a interface entre internet e política, consideram a rede como uma extensão da vida social. Segundo André Lemos, na Internet é possível potencializar tudo aquilo que é próprio de toda dinâmica cultural, tais como o compartilhamento, a distribuição, a cooperação, a apropriação dos bens e os conflitos. Nessa lista, é possível acrescentar a dinâmica democrática, os processos de deliberação e a luta por reconhecimento.

Logo, se o mundo off-line inexistisse dissociado do mundo on-line, a dinâmica política não pode existir por si só na internet. A própria questão da cultura política, já levantada anteriormente, é um bom caminho para se pensar essa interconexão. Não basta que haja ferramentas tecnológicas que favoreçam a participação e a politização dos cidadãos se não há uma cultura política pré-existente. “Recursos tecnológicos são instrumentos à disposição de agentes sociais, estes sim com capacidade de fazer promessas ou de frustrar esperanças” (Gomes, 2005). São os sujeitos então os principais responsáveis pelo sucesso de suas investidas políticas na rede. Isso inclui considerar, mais do que o acesso à tecnologia, a cultura da participação, as motivações pessoais e coletivas e as histórias de vida que os

impõem a produzir narrativas por reconhecimento (Maia, 2001). Nesse sentido, nosso esforço é pensar a luta por reconhecimento na internet como uma extensão dessa luta travada no cotidiano daqueles que sofrem preconceitos e estigmatizações.

Assim, a pluralidade de vozes expressa no orkut, possibilitada exatamente pelo formato de livre participação do site, dão a ver uma luta por reconhecimento dentro e fora do ambiente virtual. Os participantes dos fóruns resgatam suas histórias de vida e elementos cotidianos para se colocarem diante dos outros no intuito de invocarem um novo entendimento sobre o “ser surdo”. Esse é um ponto que merece grande destaque. Só existe luta por reconhecimento na internet porque existe fora dela. E mais, não são coisas distintas mas faces de um mesmo problema. Aqueles que sofrem injustiças, carregam consigo o desejo de serem reconhecidos por onde vão e os que possuem clareza da sua opção⁹ com frequência expressam discursivamente seus anseios. É uma luta constante e intermitente que acompanha os sujeitos na sua essência em todos os ambientes em que transitam, no trabalho, na escola, na família e porque não na internet.

É exatamente essa extensão da vida cotidiana na internet que nos faz olhar para alguns ambientes interativos como espaços de conversação, assim como o são as mesas de bar, as conversas entre amigos e familiares ou pessoas com as mesmas afinidades. Assim, defendemos que alguns debates nos fóruns do Orkut começam na maioria das vezes como conversas sem pretensões políticas e culminam em debates acirrados acerca de questões controversas sobre identidade e cultura surda.

Como parte do conjunto das relações sociais e impulsionadora das mesmas, a conversação exerce um relevante papel em todos os setores da vida, do mais íntimo ao mais público. Gabriel Tarde (1901), no início do século passado, já apontava para o valor da conversação na formação da opinião, como uma “pequena fonte invisível que escoia em todo o tempo e em todo lugar com um fluxo desigual” (p. 94). Para Tarde, a conversação é entendida como “todo diálogo sem utilidade direta e imediata, em que se fala sobretudo por falar, por prazer, por distração, por polidez” (p. 95) e nem por isso é menos relevante para a concepção e formulação de opiniões. O simples ato de voltar a atenção a outrem para se engajar em uma

⁹ Nem todos os surdos tem clareza sobre a sua escolha de usar a Libras e de viver uma identidade surda e portanto, nem sempre se engajam em lutas por reconhecimento. É preciso também considerar os constrangimentos que tal ação discursiva pode propiciar e esse é um fator determinante na ação desses sujeitos.

conversação já demonstra uma predisposição à troca de idéias, por mais simples que elas sejam. Este primeiro passo, seguido da incorporação de novos elementos e novas informações ntre as conversações, podendo levar a questionamentos, reflexões, justificações e até mesmo à mudança de posicionamento. Importante salientar, que essa conversação envolve não apenas o simples falar, mas principalmente a dinâmica de ouvir e ser ouvido. É no momento em que se ouve o outro que o exercício da reflexão se torna possível, estabelecendo assim uma conexão entre os participantes da conversa (Barber, 1984).

Nem sempre essa conversação cotidiana é autoconsciente, reflexiva e deliberativa (Mansbridge, 1999) e na maioria das vezes as conversações são “espontâneas, desestruturadas e sem metas claras” (Conover, 2002, p. 24)¹⁰, como uma “aventura intelectual não ensaiada, que não precisa ser clara e precisa” (Barber, 1984: p. 184). Mas nem por isso deixam de ser relevantes para a democracia e para a deliberação. Barber considera a conversação o coração de uma democracia forte e que o seu sentido é quase sinônimo de política. Para Mansbridge (1999), ela é uma parte crucial da política baseada nos ideais deliberativos, assim como os fóruns, as assembléias formais ou a mídia. São vários tipos de conversação com maior ou menor grau de formalidade. Para a autora, “a conversação cotidiana entre os cidadãos, sobre problemas que o público deve discutir, prepara caminho para as decisões governamentais formais e para as decisões coletivas” (1999:212). Nos lares, locais de trabalho, grupos de amigos e nos discursos informais on line, a conversação exerce forte influência no desenvolvimento primário de questões políticas, mesmo de forma não-intencional ou não-racional. Assuntos e ambientes que inicialmente não se propõe políticos podem culminar em debates reflexivos com troca de argumentos e mudanças de entendimento.

São nesses momentos também que algumas questões anteriormente desconhecidas podem vir à tona. No caso dos surdos isso é muito comum, pois questões de identidade e cultura surda são ainda bastante ignoradas. Para Hannah Arendt (1958), as idéias, os fatos e as experiências devem ser comunicados, pois aquilo que ainda estava no plano obscuro do pensamento se torna realidade através de uma comunicação intersubjetiva e passa a fazer

¹⁰ Cabe ressaltar que Conover (2002) fala da importância da conversação para se chegar a uma “discussão política”. Ao invés de deliberação, a autora acredita que o termo discussão política melhor descreve a atual dinâmica política e discursiva dos cidadãos. A deliberação é por demais rigorosa nos seus critérios normativos e por isso é pouco freqüente e na maioria das vezes não atende a todos os critérios tais como a igualdade de acesso.

parte de um conjunto compartilhado de idéias materializadas pelo discurso. Nesse sentido, questões anteriormente consideradas individuais podem se tornar coletivas. Posicionamentos, desejos, premissas e testemunhos, ao serem comunicados, podem alcançar fértil terreno naquele outro que se identifica com as mesmas questões, conformando assim identidades e demandas coletivas. “O pessoal torna-se político quando lutas individuais conectam-se conceitualmente com uma luta normativa ampla por igual status na política como um todo” (Arendt, 1999:216).

Nessa direção, Barber considera como uma das principais funções da conversação a criação de interesses públicos e a conformação de uma comunidade capaz buscar o bem comum. Para ele, a existência de comunidades de interesse, que se mantêm por meio da conversação, é fortalecedora da democracia. É verdade que a conversação entre os surdos pode arregimentar novos surdos e mostrar a eles uma nova forma de vida mais livre de constrangimentos que emergem do uso de uma língua diferente. O bem comum entre os surdos seria então o direito ao uso da língua de sinais. Entretanto, entendemos que a perspectiva comunitarista pode esconder questões controversas, primeiro porque os surdos de uma comunidade estão inseridos em uma comunidade maior, logo seria difícil estabelecer um bem comum no que diz respeito às políticas públicas locais. Nesse sentido, o bem comum é justamente aquilo que os surdos não buscam. Em última instância eles querem reconhecimento assim como qualquer outra pessoa, entretanto para alcançar essa meta os caminhos são totalmente distintos: o sistema educacional, modo de comunicação, políticas de saúde, tudo isso é reivindicado de maneira distinta pelos surdos. Segundo, porque entre os surdos, conforme visto no capítulo 1, há também uma série de divergências a respeito de identidade e cultura, que torna incompatível essa busca pelo “bem comum”.

Para Barber, além da conformação de questões coletivas, a conversação também torna indivíduos capazes de se expressar, discordar, reformular argumentos e ressignificar questões. A autonomia individual e política, assim, se faz essencial não só para identificar com clareza as próprias preferências, como também para expressá-las e justificá-las. Este ponto, em muito nos interessa, pois são exatamente essas características que fazem com que os surdos empreendam lutas discursivas na internet por reconhecimento.

“A linguagem e então sempre um campo de batalha crucial; ela conserva ou liquida tradições, muda ou ganha paradigmas de poder estabilizados e é o espelho de toda a visão de futuro.” (Barber, 1984, p. 197)

As mesmas características, entretanto, quando não contempladas são também inibidoras do engajamento em discussões políticas. Conover (2002) e seus colegas identificaram em pesquisa recente feita nos Estados Unidos e na Inglaterra que a boa parte dos entrevistados em grupos focais evitam se engajar nos debates por receio de se expor e ter sua privacidade invadida, porque não se sentem confortáveis em justificar suas preferências, por medo de terem suas opiniões mudadas, para evitarem discussões apaixonadas ou para não ofender ninguém. Por esses motivos, a maioria das pessoas prefere discussões políticas no âmbito privado onde estão menos sujeitas à contestação e onde há maior oportunidade de participação igual. Outras pesquisas recentes também têm identificado que esses espaços informais de discussões, essencialmente os espaços privados (casas, locais de trabalho ou encontro de amigos), são mais profícuos em propiciar discussões políticas do que os espaços públicos (Marques e Rocha, 2006, Benett, 2000; Wyatt, 2000). O principal achado dessas pesquisas é que discussões políticas privadas contribuem com a deliberação e conseqüentemente com o sistema político em geral. Para esses autores, os efeitos das discussões são extremamente positivos: efeitos educativos, cidadãos passam a ter mais clareza sobre as próprias preferências, testam suas opiniões e há também a possibilidade de adquirir competências políticas e capacidades individuais.

Para os nossos propósitos nessa pesquisa, vale ressaltar o caráter público do Orkut, já que abre espaço para a participação de qualquer cidadão. É claro que o acesso a essa discussão depende de algumas condições tais como: acesso a computadores, conhecimento da existência de determinada comunidade e permissão do moderador do grupo. Entretanto, ainda assim consideramos as comunidades públicas pois tais fatores são, na maioria das vezes, insuficientes para impedir o acesso à discussão. A figura do moderador, por exemplo, normalmente tem pouca atuação e uma maior abertura à participação de novos membros na comunidade.

Além disso, no caso dos surdos, a luta por reconhecimento envolve também uma ação discursiva frente ao outro desconhecido. As discussões privadas são bastante válidas para a luta por reconhecimento na esfera íntima. Mas nas outras esferas, um esforço de publicizar

questões deve ser feito. Para transformarem o paradigma da normalidade, extremamente enraizado na prática social, os surdos se engajam em discussões não só públicas, como também de alto teor contestatório.

Até agora trabalhamos na perspectiva de que as conversações mais simples podem culminar em importantes discussões políticas, além de trazerem um amplo conjunto de benefícios democráticos. É sob essa ótica que pretendemos olhar para o nosso objeto empírico. Entretanto, vale a pena apresentar alguns pontos de vista distintos ao que apresentamos até agora. No texto “Porque a conversação não é a alma da democracia?”¹¹, Schudson (1997) afirma de forma contundente que a conversação deve ser dividida em dois tipos: a conversação social e a conversação que busca a solução de problemas. Para ele, as conversas sociáveis em nada sugerem uma ligação com a democracia, não possuem regras de participação, não são públicas e, na maioria das vezes, não contam com vozes dissonantes. As conversas políticas, sim, são essenciais à democracia pois buscam soluções para conflitos, definem políticas públicas e resguardam interesses pessoais. Scheufele (2000), assim como alguns autores citados acima, discordam de Schudson por considerar seu modelo essencialmente simplificado e dicotômico. Scheufele sustenta que ambos são importantes para a democracia e que as conversações sociáveis serviriam de insumo para o maior consumo de notícias e informações que auxiliam no preparo para a deliberação e no estabelecimento de capital social¹². Para nós, a conversação seria como um embrião das discussões políticas, principalmente nos casos que envolvem a luta por reconhecimento. Nesse sentido, a dinâmica discursiva caminharia de uma ponta a outra, de uma dinâmica mais descomprometida à calorosas discussões acerca do reconhecimento.

Importante salientar também que a perspectiva de Schudson (1997) está bastante vinculada à concepção de Estado como centro do sistema político e à concepção de busca de consensos, o que não é o nosso foco. Segundo Mansbridge (1999), há algumas decisões que não precisam passar pelo Estado e que não demandam nenhuma ação por parte do governo. Esse é o caso de muitas questões referentes ao movimento surdo. As questões de estima social devem ser tratadas no âmbito da sociedade, com a busca pela mudança de entendimento sobre

¹¹ A idéia da conversação face-a-face como alma da vida democrática provém das obras do filósofo John Dewey (1927).

¹² Termo utilizado por Putnam para se referir às redes de compromisso cívico, as normas de confiança mútua e a riqueza do tecido associativo enquanto fatores fundamentais do desenvolvimento local.

as potencialidades dos surdos. O ativismo, nesse sentido, é feito por meio do discurso informal com vistas a mudar ações e crenças dos outros. Essas conversas podem gerar conflitos, debates e aceitação de novas ideias, promovendo novos esquemas interpretativos, removendo convicções e alterando comportamentos.

Além disso, Mansbridge (1999) considera que essas situações informais não são como a esfera pública teorizada por Jurgen Habermas, onde o discurso é racional e orientado para o entendimento (Habermas, 1997). A autora busca incluir a questão da emoção como mais um elemento presente na deliberação. Afinal, as conversas acabam por despertar reações nas pessoas, tais como entendimento, desprezo, interesse, apropriação, entre outros. É essa conversação que se dá nos mais diversos locais, reúne tanto os ativistas dos movimentos sociais, quanto os não-ativistas em dinâmicas onde a política está presente. É o que ela chama de ativismo dos não-ativistas. Pessoas, a princípio desvinculadas de questões políticas acabam por se manifestar politicamente por meio da conversação.

Acreditamos que esse contato baseado na experiência cotidiana é o responsável por gerar uma visão política do mundo que nos rodeia. Quando Mansbridge afirma que “o pessoal é político”, acredita-se que ela queira dizer que experiências cotidianas, quando ligadas por meio do discurso, umas às outras, podem gerar conversações políticas importantes, sem querer, necessariamente, influenciar decisões da esfera institucional formal.

Em toda a literatura sobre conversação que apresentamos nessa seção, a característica face-a-face é essencialmente priorizada, com exceção da pesquisa empírica de Wyatt (2000), que além de investigar a conversação em casa, no trabalho, clubes e organizações cívicas, cultos e restaurantes, também se preocupou em contemplar a conversação que se dá na forma de e-mails¹³. Na nossa pesquisa, é preciso deixar claro que, de maneira alguma consideramos a conversação face-a-face como igual à conversação on line, apesar de julgar esta última como indissociada da primeira. Elas têm características semelhantes e distintas, apresentadas na subseção abaixo.

Conversação face-a-face x conversação on-line

¹³ A pesquisa de Wyatt e seus colegas identificou que a conversação por e-mail é a que tem menor ocorrência e a conversação doméstica está entre as mais comuns.

O fato de apontar semelhanças e distinções entre as conversações face-a-face e on line não invalidam a nossa discussão sobre conversação cotidiana e discussão política na medida em que consideramos que essas conversações se dão não só entre pessoas conhecidas como também desconhecidas. Além disso, os benefícios democráticos da conversação apresentados acima também são alcançados nas conversações virtuais.

Faz-se necessário, entretanto, apontar algumas distinções determinadas especialmente pelo *medium* tecnológico, que faz com que essas conversações sejam de outra natureza, mas, ainda assim, profundamente enraizadas na vida social. Vale lembrar também que me refiro aqui não a todos os meios interativos, mas especificamente às redes de relacionamento tais como o Orkut. Farei distinções em relação a) à natureza textual das conversas b) aos fatores de inibição da conversação; e c) acesso e identificação dos participantes.

Conforme descrição feita na segunda seção deste capítulo, o Orkut, além de outras coisas, possui espaço para fóruns de discussão. Diferentemente do face-a face, nesses fóruns a conversa não se dá de forma síncrona e nem verbal. A participação é escrita e sua resposta deve esperar a disposição de outrem para se engajar na conversa. Logo, o tempo dessa dinâmica é distinto, não só entre uma resposta e outra, mas na elaboração das respostas. Marques (2006) acredita que isso limita a capacidade argumentativa dos participantes pois não se escreve tão rápido quanto se fala, além de nem todos terem disposição de escreverem um argumento por completo, deixando o debate/conversa de lado. Por outro lado, acreditamos que o fator tempo virtual fornece aos participantes a possibilidade de processar os outros argumentos e reformular seu posicionamento, não no ímpeto que a presença física do outro exige, mas de forma mais ponderada.

A característica escrita dessa participação também nos leva a outra distinção: a expressão das idéias perde muitos elementos da modalidade oral como a entonação e a reação corporal. Tais elementos emotivos podem ser expressos na modalidade escrita e já fazem parte de um vocabulário recente bastante específico da internet. É comum o uso de expressões como “hehe”, “rs” ou “kkkkk” para demonstrar riso ou “ahhhhh” para decepção. Ainda sim, tais expressões são incapazes de transmitir uma emoção autêntica e a espontaneidade de um debate ou de uma conversa.

Em relação aos fatores de inibição presentes nas conversas e discussões face-a-face, como já apresentados por Conover (2002) e seus colegas, estão o receio de se expor e ter sua

privacidade invadida, porque não se sentirem confortáveis em justificar suas preferências, por medo de terem suas opiniões mudadas, para evitarem discussões apaixonadas ou para não ofender ninguém. Tais fatores também influem nas conversações on line, embora em menor grau, já que é dada a possibilidade do anonimato. Cada participante do orkut tem um perfil que diz quem ele é, mas esse perfil pode não ser verdadeiro. O anonimato, nesse sentido, dá margem para que argumentos dificilmente invocados em uma conversação presencial sejam expostos. Ofensas, imprudências e hostilidades também encontram espaço aí. O maior ou menor controle vai depender da atuação do moderador na comunidade, que tem a liberdade para retirar o *post* que quiser e de aceitar ou não a participação de determinados membros na comunidade. Em geral, participam dos fóruns apenas os participantes da própria comunidade. Alguns moderadores colocam como pré-condição para participarem dos fóruns a participação prévia na comunidade, outros não. Outros são mais prudentes em relação à postagem de propagandas comerciais e assuntos sem pertinência com o tema da comunidade. Por outro lado, o anonimato pode dar voz àqueles constrangidos em uma conversação presencial pela desigualdade de recursos culturais e materiais ou pela dificuldade de se expressar, como é o caso dos surdos. Aqueles que possuem sua participação desvalorizada de antemão, tais como as minorias sem voz, também encontram aí possibilidades de se manifestar. Vale lembrar que a dificuldade de identificação do parceiro de interação e conseqüentemente o estabelecimento de uma confiança entre eles é fato que não deve ser desprezado.

Por fim, a questão do acesso é igualmente importante nos dois âmbitos, mas de maneiras distintas. É claro que o fator econômico influi tanto no acesso às conversações on-line quanto naquelas face-a-face, entretanto, no primeiro caso ele está mais relacionado à na barreira tecnológica de acesso e manuseio das novas tecnologias. De outro lado, o acesso às conversações públicas está relacionado não só ao fato econômico como também à desigualdade de oportunidade na participação e aos constrangimentos sofridos por grupos minoritários ou estigmatizados.

Há conversação e discussão política no Orkut?

Diante de tantas distinções, por que considerar que há conversação no Orkut? E porque em alguns casos ela migra para uma discussão política? Porque considerar efeitos democráticos em um espaço virtual não voltado para decisões políticas, afeito à diversão e ao

lazer e que possibilita o anonimato e por conseguinte pouco compromisso e até mesmo ofensas?

Num primeiro momento poderíamos até mesmo seguir a vertente que considera a possibilidade de uma esfera pública virtual. Esses autores se baseiam nas seguintes características da internet: pluralidade de vozes, comunicação espraiada em várias esferas, livre acesso e ausência de constrangimentos no debate (Castells, 2001). Pierre Lévy (2002) chega a utilizar o termo espaço público desterritorializado para se referir à internet. Entretanto, incorporados os argumentos opostos à idéia, tais como falta de inclusividade (barreiras econômicas de acesso), carência de racionalidade nos debates, a falta de normatividade e de uma certa civilidade (para evitar que os debates on line se tornem um vale-tudo), optamos pela vertente da conversação. Marques (2006) já havia apontado para essa perspectiva, a qual denomina “conversação civil” na internet.

Outra corrente de pesquisas recentes vem mostrando o enorme potencial do orkut para a interação, formação de redes sociais e acúmulo de capital social (Ricuerdo, 2005, 2006; Primo e Brambilla, 2006; Cruz, 2007). Outras trazem à tona a característica tribalista do Orkut, que reúne pessoas em torno de interesses comuns (Fontanella e Prysthon, 2004). No terreno da comunicação e política, algumas pesquisas sobre eleições também já foram feitas, mostrando a conformação das comunidades formadas em torno da preferência por determinados candidatos (Chaia, 2006). Mas como já foi dito, optamos por desenvolver nosso olhar para as redes de relacionamento virtuais sob a ótica da conversação cotidiana.

O primeiro ponto que nos leva a pensar dessa maneira é o propósito inicial da existência do Orkut. O portal foi criado para ser “um ponto de encontro on line com um ambiente de confraternização, onde é possível fazer novos amigos e conhecer pessoas que têm os mesmos interesses”¹⁴. Ao clicar em um link que explica com mais clareza o que é a rede¹⁵, encontramos uma ampla definição que envolve algumas definições relevantes: “O orkut é uma comunidade on-line criada para tornar a sua vida social e a de seus amigos mais ativa e estimulante” ou “Com o orkut é fácil conhecer pessoas que tenham os mesmos hobbies e

¹⁴ Definição expressa na home, acessada em setembro de 2006 (www.orkut.com). Vale lembrar que mais recentemente, a página de apresentação do Orkut foi alterada e a auto-definição anterior foi substituída pela seguinte mensagem, que dá mais ênfase às ferramentas oferecidas: “Conecte-se aos seus amigos e familiares usando recados e mensagens instantâneas. Conheça novas pessoas através de amigos de seus amigos e comunidades. Compartilhe seus vídeos, fotos e paixões em um só lugar.”

¹⁵ Acesso em outubro de 2007

interesses que você, que estejam procurando um relacionamento afetivo ou contatos profissionais”, e ainda “Nossa missão é ajudá-lo a criar uma rede de amigos mais íntimos e chegados. Esperamos que em breve você esteja curtindo mais a sua vida social”.

Ora, é explícito o caráter social e de entretenimento do Orkut. Em momento algum há menção de qualquer questão minimamente política. Nem sequer as menções feitas sobre as comunidades e fóruns, focos de nossa pesquisa, alentam para a possibilidade de debates mais politizados: “Você também pode criar comunidades on-line ou participar de várias delas para discutir eventos atuais, reencontrar antigos amigos da escola ou até mesmo trocar receitas favoritas”. Logo, é esperado que as pessoas procurem o Orkut com objetivos que não os políticos.

O curioso é que desse amplo domínio denominado rede social virtual, sem chances aparentes de abordagem política, emergem algumas centelhas de posicionamentos políticos. Cabe enfatizar que são em número bastante pequeno e que não temos intenção alguma de generalizar o fenômeno político para todo o Orkut. Em uma busca feita com as palavras-chave “surdos”, “surdo”, “deficiente auditivo”, “Libras” e “língua de sinais”, encontramos cerca de 1902 comunidades, das quais, 836, ou seja, 44% eram relacionadas a temas que não diziam respeito em nada à luta dos surdos. Pode parecer engraçado, mas quando tais comunidades não se referiam ao instrumento musical surdo, traziam metáforas tais como “prefiro ser surdo do que ouvir isso” ou “Somos todos cegos, surdos e loucos”. Encontramos também um alto número de comunidades ligadas à religião (163) ou relacionadas à localidade (111). Aquelas que se propunham, *a priori*, políticas e que se apresentavam como reivindicatórias perfazem um total de 33 comunidades, tais como “Não discrimine os surdos” ou “Globo-Respeite os surdos”. Mas, ao contrário das nossas expectativas, não foram encontrados nessas comunidades fóruns que gerassem qualquer tipo de discussão polêmica. Nas 37 comunidades referentes às associações dos surdos, não encontramos sequer conteúdos reivindicatórios.

De fato, como dito anteriormente, não se espera encontrar conteúdos políticos no Orkut e quando eles surgem, são em pequeno número. O que mais nos surpreende, entretanto, é que os fóruns onde emergem discussões políticas não estão no grupo das associações e nem no grupo dos temas reivindicatórios. Os encontramos em comunidades como “Amigos entre surdos e ouvintes” e “Pais de surdos”. Dessa constatação podemos inferir que de ambientes voltados para a sociabilidade e entretenimento podem emergir questões eminentemente

políticas. Isso só vem reforçar a vertente por nós adotada, da conversação como fonte de discussão política.

Outro ponto a ser explorado é a relevância de se entender a rede social como um todo. Poderíamos apenas analisar os fóruns que dela emergem, mas entendemos que eles só se conformam de determinadas maneiras porque estão inseridos em um ambiente mais amplo, com características peculiares e distintas das características de uma lista de discussão por e-mail, por exemplo.

Cabe agora explicar porque isso acontece. Nesse sentido, recorremos à suposição de Conover (2002), de que a probabilidade de discussões de contestação é mais alta quando há diferentes perspectivas ou premissas de bem viver. Ou seja, quando os interlocutores têm uma opinião e uma idéia distinta do que seria o bem e o correto, geralmente, há o surgimento de embates discursivos. Dessa forma, a discussão política se torna uma parte da política por reconhecimento,

“uma oportunidade para desvelar a outros cidadãos uma identidade básica, e tê-la reconhecida, julgada e recebida com respeito ou não. A discussão expõe preferências e identidades, e faz de ambas objeto do escrutínio público e da possibilidade de contestação.” (p. 56)

Para a autora, isso faria da discussão um empreendimento perigoso, não apenas pelo risco de haver desrespeito, mas também porque poderia pressionar os participantes da discussão a uma mudança de preferências e até mesmo mudanças na própria identidade. As discussões fervorosas dos surdos no Orkut exemplificam isso muito bem. Suas premissas de bem viver, em geral, não são compartilhadas pela sociedade. A língua de sinais, por exemplo, está no cerne da identidade e da cultura surda, sem a qual muitos surdos não teriam sequer um meio de se comunicarem. Isso é desconhecido ou ignorado pela sociedade e se torna muitas vezes o motivo principal da discussão.

A comunidade “Amigos entre ouvintes e surdos”

O fórum de discussão que escolhemos para evidenciar a conversação que dá origem a discussões políticas acerca de questões dos surdos foi extraído da comunidade “Amigos

entre ouvintes e surdos”¹⁶. A comunidade possuía, na data do acesso, 10.852 membros e 1.100 fóruns, dos quais apenas 7 obtiveram participações superiores a 30 *posts*. A baixa participação nos fóruns, em geral, é bastante comum. Poucos são os fóruns capazes de mobilizar várias opiniões diferentes, ou ainda, várias participações. Em geral são fóruns que se propõe apenas a divulgar evento ou notícia curta. Os fóruns com maior participação são aqueles que pedem para cada um se apresentar (tópico “Apresentem-se”), deixar seu contato (tópico “Para um maior contato coloque seu msn aqui!!”), postar frases interessantes (tópico “Pequenas Frases, Grandes Significados.”), ou mostrar porque fazem parte daquela comunidade e contra suas histórias de vida. Dessa maneira, entendemos que a maioria dos fóruns busca integrar os participantes ou encontrar pontos em comum entre eles, que os tornam pertencentes a uma comunidade. A própria descrição da comunidade explica sobre os propósitos de interligar pessoas ouvintes e surdas por meio da comunicação gestual.

Dentre esse grande universo de fóruns, que em geral retratam bem as pretensões da comunidade, escolhemos o fórum intitulado “Vergonha Surdo”¹⁷, que lança a seguinte questão: “Porque alguns surdos têm vergonha de usar Libras? Isso não pode acontecer”.

Daquele universo de fóruns relacionados à amizade entre surdos e ouvintes, com poucas participações surge um tópico questionador. As primeiras participações se desenvolvem da seguinte forma:

Fórum (1º *post*): “Porque alguns surdos têm vergonha de usar Libras? Isso não pode acontecer”.

Anônimo(2º *post*): Uai, por que não? Cada um faz a sua opção de vida e cabe a todos respeitá-la

André (3º *post*): Acho que todos devem fazer a opção que achar melhor sem ter vergonha do que é, mas acho estranho surdo não saber libras.

Elaine (5º *post*): É uma questão de identidade...Dizer que é uma apenas uma questão de escolha para o surdo saber utilizar a LIBRAS é uma visão simplista e ingênua da realidade. Não podemos esquecer que historicamente os surdos sempre foram visto como inferiores aos ouvintes, como deficientes que precisavam se adequar, caminhar para a " normalidade". Para isto precisavam se oralizar. Isto marcou por muito a comunidade surda, que é uma minoria linguística e que tem sim uma língua própria não oral! O surdo que tem vergonha de usar a LIBRAS não se reconhece como Surdo e sim como um deficiente, ou seja, não conseguiu se libertar da visão de surdez que a sociedade impõe!

Anônimo (8º *post*): Eu acho estranhissimo alguém afirmar com toda certeza que quem não sabe LIBRAS não se aceita como surdo. Eu não sei LIBRAS, porém tenho consciência da minha surdez e das minhas dificuldades. E nunca neguei a

¹⁶ Acesso em 25/11/2007.

¹⁷ O fórum foi criado em 04/04/2005 e a última postagem analisada data de 27/07/2007. Há, no total, 404 *posts* nesse tópico. (<http://www.orkut.com/CommMsgs.aspx?cmm=428446&tid=10024425>)

minha surdez. Apenas a vejo e vivo de uma outra forma. Não preciso viver em guetos, sou a favor da inclusão. Já que estão entrando no lado psicológico, imagine o trauma que uma pessoa surda teria em não poder falar? Ir ao mercado e não saber dizer o que quer, tendo que depender de intérpretes ao lado, depender de pai e mãe para resolver suas coisas. E muito menos entender o que se passa em sua volta. Eu acho isso muito mais doloroso do que você passar anos "sofrendo" por ser diferente na sociedade. TODO mundo tem suas dificuldades, seus traumas, e etc, e eles não são motivo de isolamento. Muito pelo contrário, são motivos para que você ultrapasse as barreiras e vença as suas dificuldades. Felizmente cheguei num estágio que a minha surdez é apenas um mero detalhe, e não uma característica da minha pessoa. E tenho orgulho disso. E eu acho estranhíssimo um surdo não falar! E agora? (*sic*)

O trecho acima revela, a princípio, manifestações a favor da liberdade de escolha de determinado modo de se comunicar. Entretanto, ao longo dos diálogos, surgem juízos de valor acerca do uso da Libras que revelam algumas premissas de bem-viver. Para um dos participantes é “estranho um surdo não saber Libras” e para outro “estranho é um surdo não saber falar”, o que poderia até mesmo gerar um trauma. De um lado, o entendimento sobre aceitar a surdez envolve o reconhecimento do uso da Língua de sinais, de outro a surdez é um mero detalhe, o qual deve ser superado. Percebe-se claramente que premissas de bem viver são colocadas em questão, levando a uma troca de pontos de vista distintos e a um tensionamento da questão

Continuando o diálogo:

Diana Paula (18º *post*): Vergonha ou orgulho? Sinceramente fiquei pasma pelo que li, sou "oralizada" e também adoro libras, isto e coisa para se adaptar, acho que devemos ter orgulho de ser surdo, e pq não aprender a falar através de palavras e libras? [...] Tenho orgulho de ser surda e de poder me comunicar nos 2 mundos, os quais na verdade ficaria apenas um se as pessoas se "concientizace", que Libras ou fala, são apenas línguas e não pessoas, suas opiniões, ou sentimentos...

Jon (20º *post*): Lamentável... São discussões como estas que só aumentam a fossa que já existe entre os surdos... é triste. E daí quem não sabe Libras? Ou quem não sabe falar? O importante é ter um MEIO de comunicação, seja o que for. Me desculpem (e sei que vão me criticar duramente, mas não tô nem aí), mas esse papo de "orgulho de ser surdo" é pura balela...

Diana Paula (28º *post*): Balela????????? Caro colega, eu sou surda e nunca usei de artifício ou chantagem pela minha situação, só acho que vc deveria distinguir o que é saber viver, e se esconder atrás de algo que a sociedade impõe como deficiência, o que chamo de uma maneira diferente de viver [...]

Jon (30º *post*): Diana Paula Desculpe, mas não entendi aonde você quer chegar... eu me orgulho do que fiz até agora, sempre com muito esforço e muita força de vontade para superar os obstáculos. Todos, independentemente de serem surdos ou não, também são assim. O fato de ser surdo é apenas um mero detalhe na minha vida. O que é "saber viver" para você, Diana? Estou vivendo da melhor maneira possível e estou feliz assim. [...]

Flávio Multmídia (40ª *post*): Minha opinião: Sobre orgulho de ser surdo, vale lembrar que não é da deficiência que os surdos se orgulham. A surdez cria (historicamente) uma sub-cultura (sub de menor, não de pior), e creio que é dessa cultura, dessa comunidade que os surdos que se dizem orgulhosos se orgulham. [...] (*sic*)

Novamente, de um lado a surdez é vista como elemento de identidade e de orgulho, como uma forma diferente de viver. De outro é vista como obstáculo a ser superado. Como dito anteriormente, a comunidade possui 404 *posts* que giram em torno desses dois pólos e contam com a inserção de vários outros argumentos. O embate de forma alguma busca resolver a questão. Não há a pretensão de que em um fórum se chegue a resoluções. Prova disso é que, até o último tópico existe o embate entre as duas concepções opostas. Cada um coloca a sua opinião não para ser resolvida, mas para questionar uma posição com a qual não concorda. A luta por reconhecimento envolve justamente esse posicionamento frente a uma idéia a ser questionada e ela está propícia a surgir nos ambientes mais inesperados, pois trata de questões fortemente enraizadas na subjetividade dos sujeitos.

Em ambientes como o Orkut, onde predominam as conversações amenas, relacionadas às afinidades de um determinado grupo, esses embates por reconhecimento surgem de maneira a tensionar algumas questões relacionadas às premissas de bem viver e acabam por gerar fortes embates. Como bem trata Connover *et al* (2002), são nas conversações que envolvem questões relacionadas diretamente às identidades em que há maior probabilidade de surgimento de discussões de contestação, onde idéias são colocadas a escrutínio público e julgadas, podendo ou não serem aceitas, se sujeitando ou não ao desrespeito e ao risco do embate.

Referências

- ARENDDT, Hannah. *A Condição Humana*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1991. P 15 a 89.
- BARBER, B. *Strong democracy: participatory politics for a new age*. Berkeley: University of California Press, 1984.
- BENNETT, Stephen; FLICKINGER, Richard; RHINE, Staci. "Political Talk Over Here, Over There, Over Time". In: *British Journal of Political Science*, 2000, v.30, pp.99-119.
- CASTELLS, M. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CHAIA, Vera . *As novas formas de participação política e as comunidades on-line: um estudo do Orkut*. In: 3º Congresso Latino-americano de Ciência Política, 2006, Campinas. 3º Congresso Latino-americano de Ciência Política - Democracia e Desigualdades. Campinas : Unicamp. v. 01. p. 01-22.

CONOVER, Pamela; SEARING, Donald; CREWE, Ivor. "*The Deliberative Potential of Political Discussion*". *British Journal of Political Science*, 2002, v.32, pp.21-62.

DEAN, J. Why the net is not a public sphere. *Constellations*, v. 10, n. 1, p. 95-112, 2003.

DOWNING, John D. H. *Mídia radical: rebeldia nas comunicações e movimentos sociais*. São Paulo: SENAC São Paulo, 2002.

GOMES, Wilson. *Opinião Pública na Internet: Uma abordagem ética das questões relativas a censura e liberdade de expressão na comunicação em rede*. In: X Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação Em Comunicação – COMPOS. Brasília: 2001.

GOMES, Wilson. Internet e participação política em sociedades democráticas. *Revista. FAMECOS*, Porto Alegre, nº 27, agosto 2005 LÉVY, Pierre. *Ciberdemocracia*. Tradução Alexandre Emílio. Lisboa: Instituto Piaget, 2002.

HABERMAS, Jurgen. O papel da sociedade civil e da esfera pública política. In *Direito e Democracia*. Tempo Brasileiro, 1997, vol I, p. 57 – 121

HONNETH, Axel. Padrões de reconhecimento intersubjetivo: amor, direito, solidariedade. In __. *Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais*. São Paulo: Ed. 34, 2003

LÉVY, Pierre. *Ciberdemocracia*. Lisboa: Instituto Piaget, 2002

MAIA, R. *Democracia e internet como esfera pública virtual: aproximando as condições do discurso e da deliberação*. Apresentado no X Encontro Anual da Compós, Brasília, p. 46-60, 2001.

MANSBRIDGE, Jane. "Everyday Talk in Deliberative System". In: MACEDO, Stephen (ed.). *Deliberative Politics: essays on democracy and disagreement*. Oxford: Oxford University Press, 1999, pp.211-239.

MARQUES, A. C. S. ; ROCHA, S. M. . A política a partir das margens: a produção discursiva sobre o Bolsa Família em grupos de discussão. *Revista FAMECOS*, v. 32, p. 105-117, 2007

Marques, Francisco Paulo Jamil Almeida. *Debates políticos na internet: a perspectiva da conversação civil*. In: OPINIÃO PÚBLICA, Campinas, vol. 12, nº 1, Abril/Maio, 2006, p. 164-187

MITRA, Ananda. Marginal voices in cyberspace. *New Media & Society*. 2001

MORAES, D. *O concreto e o virtual*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

PRIMO, Alex ; BRAMBILLA, Ana Maria . *Social Software e construção do conhecimento*. *Redes Com*, Espanha, n. 2, p. 389-404, 2005

PRYSTHON, Â. F. ; FONTANELLA, Fernando Israel . *Trocando figurinhas: sobre Orkut, frivolidades, neotribalismo e flânerie*. In: XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2004, Porto Alegre. Anais do XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Porto Alegre : PUC-RS, 2004. v. 27. p. 1-16.

RECUERO, Raquel . *O Capital Social em Redes Sociais na Internet*. Revista FAMECOS, Porto Alegre, v. 28, n. dez 2005, p. 1-15, 2005.

RECUERO, Raquel . Memes e Dinâmicas Sociais em Weblogs: Informação, capital social e interação em redes sociais na Internet. In: *Texto*, v. 15, p. 1, 2006.

SCHEUFELE, Dietram. "Talk or Conversation? Dimensions of Interpersonal discussion and their implications for participatory democracy". *Journalism and Mass Communication Quarterly*, v.77, 2000.

SCHUDSON, Michael. "Por que a conversação não é a alma da democracia". *Revista FAMECOS*, Porto Alegre, v. 14, 2001, p. 19 a 31.

TARDE, Gabriel. *A opinião e as Massas*. Tradução Luís Eduardo de Lima Brandão – São Paulo: Martins Fontes, 1992.

WYATT, Robert; KATZ, Elihu; KIM, Joohan. "Bridging the Spheres: political and personal conversation in public and private spaces". *Journal of Communication*, v.50, Winter 2000, pp.71-92.

WILHEM, A. *Democracy in the Digital Age*. London: Routledge, 2000.

<http://www.orkut.com>